

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

RESEARCH, RACE-ETHNICITY, GENDER AND CLASS: A MARXIST ANALYSIS

Cheliman Alves Rodrigues¹
Amabile Maria de Moura Passos²
Analúcia Bueno dos Reis Giometti³

RESUMO

Neste artigo pretendemos contribuir com elementos para compreensão da pesquisa em Serviço Social amparada no método em Marx e o papel desta no combate às opressões, reforçando os elementos chaves para pensar a pesquisa e a produção de conhecimento no Serviço Social através de uma perspectiva de totalidade, que deve compreender gênero, raça-etnia e classe. Traçamos a presente discussão a partir do método materialista histórico-dialético, propondo um olhar onde, ao ler a realidade social brasileira de forma dinâmica e não fragmentada, contribui para uma apreensão crítica e reflexiva na atuação profissional e na pesquisa científica, sendo imprescindível para o projeto ético-político do Serviço Social.

Palavras-chave: Pesquisa; Serviço Social; Questão étnico-racial.

ABSTRACT

In this article we intend to contribute with elements to understand the research in Social Work supported by Marx's method and its role in the fight against oppressions, reinforcing the key elements to think the research and the production of knowledge in Social Work through a perspective of totality, which must include gender, race-ethnicity, and class. The present discussion is based on the historical-dialectical materialist method, which, by reading the Brazilian social reality in a dynamic and non-fragmented way, contributes to a critical and reflexive apprehension in the professional activity and in scientific research, being essential to the ethical-political project of Social Work.

¹Graduada em Serviço Social pela UNESP – Campus Franca e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da FCHS/UNESP – Campus Franca/ São Paulo. Membro do Grupo Estudos e Pesquisas Marxistas (GPEM). Assistente Social da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: chelimanalves@gmail.com

²Graduada em Serviço Social pela UEMG – Unidade Passos e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da FCHS/UNESP - Campus Franca. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Gestão Socioambiental e a Interface com a Questão Social (GESTA). São Paulo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: amabile.passos@gmail.com

³Prof. Dra. Livre Docente do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da FCHS/UNESP – Campus Franca. São Paulo. E-mail: analuciagiometti@yahoo.com.br

Keywords: Research; Social Service; Ethnic and Racial Issues.

1. INTRODUÇÃO

A partir de contribuições da teoria marxiana, pretendemos, neste artigo, discutir o papel da pesquisa em Serviço Social no combate às opressões de gênero, raça-etnia e classe e os compromissos que a categoria deve afirmar com a perspectiva de totalidade à luz do método materialista histórico dialético.

Tendo como pressuposto que a pesquisa científica profissional está articulada com as dimensões ético-política, técnico-operativa e teórico-metodológica em que o Serviço Social se baseia para arquitetar as suas intenções através do seu projeto político, devemos considerar que ele se organiza em defesa dos direitos sociais, com princípios comprometidos contra a discriminação e o preconceito, pela erradicação das desigualdades sociais, pela articulação junto aos movimentos sociais e populares e por uma nova ordem societária, dentre outras frentes de lutas sociais (BRASIL, 2012; SANTOS, 2013).

Por sua vez, segundo Netto (1999), a dimensão política do Serviço Social possui, também, um amplo compromisso com a formação e qualificação acadêmica e profissional, fundadas em

“concepções teórico metodológicas críticas e sólidas, capazes de viabilizar uma análise concreta da realidade social – formação que deve abrir a via à preocupação com a (auto)formação permanente e estimular uma constante preocupação investigativa” (NETTO, 1999, p. 16).

Com o aparato legal que rege a profissão de assistente social, respaldada pela Lei 8.662/1993, o Código de Ética das/os Assistentes Sociais é um marco histórico para a regulamentação da profissão de assistente social, e também para a constituição do seu projeto ético-político, apoiando-se na explicitação dos seus valores ético-políticos, na centralidade teórico-metodológica que rege a forma como a profissão tem se organizado e no questionamento e crítica à ordem social vigente, com a produção de desigualdades sociais e discrepância entre o acúmulo de riquezas (TEIXEIRA; BRAZ, 2009).

Netto (1999) afirma que o Serviço Social é uma profissão que pertence à divisão sócio-técnica do trabalho, sob respaldo da Lei 8.662/1993, e não possui uma ciência ou teoria

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

própria, sendo uma profissão ligada aos conhecimentos e pesquisas, vinculadas às ciências humanas e sociais.

A dimensão política do projeto é claramente enunciada: ele se posiciona a favor da *equidade* e da *justiça social*, na perspectiva da *universalização* do acesso a bens e a serviços relativos às políticas e programas sociais; a *ampliação* e a *consolidação da cidadania* são explicitamente postas como *garantia dos direitos civis, políticos e sociais das classes trabalhadoras*. Correspondentemente, o projeto se declara radicalmente *democrático* –considerada a *democratização* como *socialização da participação política e socialização da riqueza socialmente produzida* (NETTO, 1999, p. 16).

Nesse sentido, é importante que busquemos nos orientar sobre os fundamentos e o projeto que direciona a categoria, seja no ensino, na pesquisa e/ou na atuação profissional para, a partir da sua apreensão, nos aprofundarmos em uma produção teórico-crítica a partir do método materialista histórico dialético com criticidade, considerando o propósito de compromisso com as lutas das frações da classe trabalhadora diante do cenário que vivenciamos e com a superação desta ordem societária.

[...] sem o legado do materialismo histórico-dialético e o patrimônio categorial do marxismo, não conseguimos apreender as determinações, em uma perspectiva de totalidade, das expressões da desigualdade social e da opressão vigentes na ordem heteropatriarcal-racista-capitalista. Por trás dessa crítica ao marxismo, guarda-se, na verdade, uma armadilha: a fragmentação, a superficialidade, o culturalismo e o idealismo na análise dos fenômenos e da desigualdade social (CISNE, SANTOS, 2018, p. 187).

Por isso, trazemos para o centro do debate a importância desta abordagem teórico-metodológica nas pesquisas em Serviço Social, tendo em vista que, além da sua contribuição na produção científica da categoria, ela constitui a prática profissional das/os assistentes sociais. Deste modo, compreendemos que o entendimento crítico da realidade através de uma perspectiva de totalidade é substancial para “o entendimento da dinâmica de exploração heteropatriarcal e racista no seio do capitalismo, como também para afirmação da diversidade humana com horizonte na liberdade e na igualdade substantivas” (CISNE; SANTOS, 2018, p. 193).

2. O MÉTODO EM MARX E A PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 31, 2022.

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

Nas Diretrizes Curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), ao se abordar sobre os princípios que fundamentam a formação profissional de assistentes sociais, é posto que o Serviço Social opta pela “adoção de uma teoria social crítica que possibilite a apreensão da totalidade social em suas dimensões de universalidade, particularidade e singularidade” (ABEPSS, 1996, p. 6).

Conforme Netto (2009), foi a partir dos anos 70 que houve uma consolidação da pesquisa no Serviço Social no âmbito da pós-graduação e “[...] desde meados dos anos 1980, também as revisões curriculares foram concedendo destaque à pesquisa, de modo que também na graduação ela começou a ganhar destaque” (NETTO, 2009, p. 29). Hoje, a categoria já assume uma posição de “maioridade intelectual” (cf. Netto, 2009, p. 29), estabelecendo mais diálogo com as ciências sociais, com produções expressivas para a área.

Esta é uma especificidade da categoria se apropriar desse posicionamento teórico-metodológico ao apreender a realidade de uma forma crítica e sob uma perspectiva de totalidade das relações sociais, e a teoria marxiana dá conta desta elaboração e, conforme Tonet, “a abordagem marxiana do método está inserida numa concepção de mundo mais ampla” (TONET, 2013, p. 65).

Sant’anna e Siqueira (2013) explicitam que a teoria social de Marx não pode ser apreendida e muito menos aplicada de modo cartesiano, como se este fosse a resposta milagrosa dos problemas da prática, para os autores a teoria de Marx não é:

[...] um receituário científico direcionado à prática e “aos da prática”, forjado na mente genial dos estudiosos por meio de um esforço teórico-intelectual, mentalmente produzido pelos que, munidos de um acúmulo de conhecimentos e de boas ideias, produzem estudos acadêmicos. Romper com a noção de aplicação de teorias e de métodos em uma dada realidade, bem como questionar a ruptura entre teoria e prática nas suas várias expressões teoricistas e praticistas, é caminho necessário para apanhar a riqueza da teoria social de Marx e, nela, o seu método (SANT’ANNA E SIQUEIRA, p 183, 2013).

Os autores apontam também que é impossível capturar o método em Marx sem considerar os seus componentes fundantes que são: a teoria do valor trabalho e a perspectiva da revolução como possibilidade histórica. Ao passo que estes explicam “a produção e a reprodução do ser, tendo o trabalho como categoria fundante de sua sociabilidade como práxis” (SANT’ANNA E SIQUEIRA, p 183, 2013).

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 31, 2022.

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

Netto (2011) coloca que, para Marx, a teoria não se delimita ao “exame sistemático das formas dadas de um objeto” (NETTO, 2011, p. 20), e sim é uma particularidade do conhecimento. Nesse sentido, a teoria possui singularidades, sendo “o movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador” (NETTO, 2011, p. 21).

[...] o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto - de sua estrutura e dinâmica - tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. A teoria é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa. (NETTO, 2011, p. 21).

Sant’anna e Siqueira (2013) concordando comunicam que o método materialista histórico dialético:

não se vincula a qualquer tipo de abstração, ainda que jamais se renda às diferentes formas de materialismo que se limitam a constatar o imediatamente sensível. Não se trata, também, de estabelecer uma média entre essas dimensões opostas, mas de superá-las nas suas limitações concretas. O método em Marx não se compromete com a “coisa da lógica” e nem com a “aparência da coisa em si”, como ela se apresenta imediatamente aos olhos do ser (SANT’ANNA E SIQUEIRA, p 186, 2013).

Deste modo, o método proporciona ao/à pesquisador/a o conhecimento da teoria, onde a partir da aparência, se aproxima da essência do objeto que desvela e investiga através da pesquisa (NETTO, 2011).

Para Marx, a sociedade burguesa é uma totalidade concreta. Não é um “todo” constituído por “partes” funcionalmente integradas. Antes, é uma totalidade concreta, inclusiva e macroscópica, de máxima complexidade, constituída por totalidades de menor complexidade (NETTO, 2009, p. 27).

Em suma, é preciso que os/as assistentes sociais obtenham “uma visão global da dinâmica social concreta” (NETTO, 2009, p. 32), para melhor compreensão da estrutura social brasileira em seus campos de atuação e pesquisa, e deste modo, “[...] encontrar as principais mediações que vinculam o problema específico com que se ocupa com as expressões gerais assumidas pela “questão social” no Brasil contemporâneo” (NETTO, 2009, p. 32).

**3. PROJETO ÉTICO POLÍTICO DO SERVIÇO SOCIAL E A PESQUISA: UMA
RELAÇÃO NECESSÁRIA**

Estamos em concordância com Barros e Neto (2014) quando relatam que para termos o entendimento a respeito da pesquisa em Serviço Social, se faz relevante se recuperar o processo histórico da profissão. Tendo em vista que o Serviço Social passou por diversas mudanças, tanto teóricas (incluídas aqui a pesquisa e a formação acadêmica) quanto práticas (o seu fazer profissional), até se aproximar da teoria marxiana, e é indiscutível que as mudanças desta profissão não podem ser explicadas por si só, pois acompanharam a história e as transformações do Brasil.

A profissão tem sua história atrelada ao processo de transformação do próprio país. (Netto, apud, Siqueira, 2010). Foi somente com o processo que se denominou como reconceituação do Serviço Social ocorrido na América Latina que o Serviço Social se vincula ao projeto de sociedade da classe trabalhadora. Este processo, porém, nem sempre teve um viés atrelado à tradição de Marx. Segundo Netto (1992), este foi um processo majoritariamente conservador, no qual o mesmo autor categorizou em 3 tendências: a modernizadora, a reatualização do Conservadorismo e a Intenção de ruptura. Que iremos apresentá-las brevemente:

Netto (apud Siqueira, 2010) coloca que o conservadorismo estava presente nos processos de reconceituação do Serviço Social sob o signo da tendência modernizadora e da reatualização do conservadorismo. Estas tendências não tinham a intenção e nem ao menos faziam alusão a uma vontade de romper com a ordem monopólica, e o totalitarismo no Brasil, pelo contrário o que se pensava nestas propostas de renovação era reafirmar a ordem vigente. Sendo que a perspectiva modernizadora era baseada no funcionalismo e a reatualização do conservadorismo fundamentada na fenomenologia, procuravam por caminhos que apaziguasse e administrarem as tensões causadas pela contradição entre o capital e o trabalho (Siqueira, 2010), que Netto (1992) denominou e o Serviço Social adotou como Questão Social.

Segundo Siqueira (2010) a perspectiva modernizadora é a tendência conceituada que melhor se encaixou nas ações que gerenciam os contrastes gerados pela autocracia burguesa, ela tinha o ímpeto da reforma. A perspectiva da reatualização do conservadorismo tinha nas

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

práticas psicossociais a base de atuação profissional, embasada em uma crença que o próprio humano era responsável por se autogerir sendo assim capaz sair dos problemas, eram também muito funcionais para a autocracia burguesa na medida que não questionavam a ordem vigente, e individualização as pautas coletivas. Ao passo que a intenção de ruptura se atrela a tradição Marxista supracitada, primeiro com uma aproximação de Marx sem Marx, sendo que este processo de aproximação começa com o método de Belo Horizonte (BH). Segundo Netto (apud Guerra, 2018) o Método de Belo Horizonte foi:

Parte do movimento de contestação e busca de renovação do Serviço Social, um grupo de docentes vinculado ao Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais propôs uma metodologia de intervenção na realidade social que denominavam o método de BH. Tendo como principal protagonista a assistente social e docente Leila Lima Santos, foi apresentado na Convenção da Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social de São Luís - MA, em 1973 (NETTO, 1990, apud Guerra, 2018, p. 42)

É com o método de BH, que a categoria inicia a gênese de uma intenção de romper com esta ideologia profissional que só reafirma o projeto do capital. Segundo Siqueira (2010) o projeto de intenção de ruptura mesmo sendo um projeto de uma tentativa de compreender a teoria Marxiana sem ler Marx, o que podemos chamar de um Marxismo vulgar, tem muitos méritos a serem destacados, será a primeira vez que o Serviço Social assume a perspectiva da classe que ela pertence, é a primeira vez que a categoria levantou pautas a favor da redemocratização do país, é inegável a relevância desta aproximação para a categoria, pois foi a partir desta que se iniciou o legado crítico a profissão.

Entendemos que mesmo com todos os limites, o movimento de reconceituação foi extremamente relevante para o Serviço Social, permitindo que a categoria tivesse fôlego para adentrar os anos 1980 e 1990 com criticidade. (Siqueira, 2010). Para Iamamoto (2001) os anos 80 foram extremamente férteis, foram anos que definiram os rumos teóricos, técnicos e políticos para a categoria. É importante colocarmos que estes rumos se construíram assim como toda a história da categoria, através do próprio movimento da sociedade, a crise da ditadura militar colocou o sujeito social como protagonista da luta pela democracia. Uma conjuntura de ascensão dos movimentos populares, e de movimentação para construção de uma constituição Federal, e pelo impeachment do ex-presidente Collor.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 31, 2022.

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

É com a efervescência dos movimentos sociais que a categoria é convocada para se posicionar a favor da classe trabalhadora, sendo questionada de sua prática política por diversos segmentos da sociedade civil. A profissão então não se coloca mais a favor dos interesses burgueses e constroem este processo de lutas pela democracia e encontra a fundamentação social para reorganizar a profissão.

Segundo Barroco e Terra (2012), às conquistas que foram materializadas nos códigos de ética de 1986 e 1993 foram fruto de condições históricas mais ou menos favoráveis para negar o conservadorismo que a categoria defende e afirmar valores de emancipação humana. A categoria avançou em muitos aspectos podemos destacar aqui a sua formação profissional, **ela também se consolidou como uma profissão pesquisadora de reconhecimento das agências de fomento (grifos das autoras)**; amadureceu suas formas de representação política-corporativas, tendo órgãos de representação acadêmica e profissional, podemos elencar a ABEPSS, CFESS, CRESS e a ENESSO.

Foi um enorme salto de qualidade para a profissão de Serviço Social, que hoje tem um projeto de profissão construído coletivamente, e as diretrizes destes projetos desaguaram no Código de Ética Profissional do Assistente Social de 1993, na Lei da regulamentação da profissão, e nas Diretrizes da ABEPSS em 1996 (IAMAMOTO, 2010), agora já dentro de um viés crítico. É neste momento histórico que:

O Serviço Social, como profissão histórico-social, apresenta-se e assume o compromisso com a classe trabalhadora e os sujeitos históricos que vivem sob as mazelas da sociedade capitalista. Utiliza-se da pesquisa para fazer uma leitura de realidade e construir, além de conhecimento científico, propostas de intervenção (BARROS E NETO, 2014, p. 24).

Período que proporcionou possibilidade para a consolidação do projeto profissional, que segundo Conceição (2014) são as construções coletivas da profissão que dão “vida” ao projeto ético-político, e que são fundamentais para a atuação profissional na luta cotidiana, contra a exploração de classe, gênero, sexualidade, raça e etnia.

Toda articulação e produção de conhecimento que é organizada pelo Serviço Social, bem como as suas instâncias organizativas e políticas, são fundamentais para o direcionamento que a profissão tomou na atualidade, a exemplo do conjunto CFESS/CRESS, da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO), Centros Acadêmicos e

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

Diretórios Acadêmicos, da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), dentre outras formas de organização que dão materialidade à direção social da profissão.

Se faz relevante destacar que graças aos avanços críticos do Serviço Social, apontados, que a base de análise das pesquisas da categoria é a abordagem dialética, por ser esta capaz de capturar as partes que estão imbricadas no todo, a partir de uma visão de totalidade, que dentro da pesquisa em Serviço Social é uma prerrogativa. Segundo Minayo (2009), este método de análise “pensa a relação da quantidade com a qualidade dos fatos e fenômenos”. Para a mesma a abordagem dialética também:

Considera que o fenômeno ou processo social tem que ser entendido nas suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos. Compreende uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material. Advoga também a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou “objetos sociais” apresentam (MINAYO, p. 25, 2009).

Estamos de acordo com a visão de Serviço Social de Martinelli e Moraes (2015) quando relatam que o Serviço Social tem um caráter interventivo e que sua atuação se defronta com a realidade humano social e que esta profissão se compromete em realizar e desnudar criticamente as inúmeras determinações que estão presentes na concretude social, que não se descolam da luta contra as opressões.

Salienta-se também que todos estes escritos se norteiam a partir do código de ética profissão. Segundo Barroco (2008), o código de ética de 1993 “se organiza em torno de um conjunto de princípios, deveres, direitos e proibições que orientam o comportamento ético profissional, oferecem parâmetros para ação cotidiana e definem suas finalidades ético-políticas” (Barroco, p. 53, 2008), por tanto o código de ética orienta as intervenções profissionais em uma direção ética e que é também política. Um princípio que podemos destacar é o VIII princípio fundamental a “opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero” (BARROCO, p.129, 2008).

Segundo o CFESS (apud Barroco, 2008) toda a ação profissional deve ser pautada na perspectiva histórica que consta neste princípio, uma vez que o projeto social que também é o

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

próprio projeto profissional devido a aproximação deste com a classe trabalhadora, supõe o fim da exploração, da alienação e da **opressão (grifo nosso)**, ação esta que engloba a pesquisa.

Assim como Minayo (2002) temos o entendimento que a pesquisa é “a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade” (Minayo, 2002 p. 16). (Minayo, 2002) ela nos proporciona vincular pensamento e ação, é a pesquisa que permite inserir-se no concreto, no real, que não parte da abstração, ela primeiramente precisa de um problema da vida prática, antes de ser um problema intelectual, e tendo em vista que as questões de gênero, classe, raça, étnicas e de sexualidade integram esta totalidade da vida concreta, eles são problemas sociais, por tanto são preocupações (ou pelo menos deveriam ser), inquietações das pesquisas da categoria.

Podemos observar que este projeto profissional conquistado coletivamente pressupõe a eliminação da contradição capital e trabalho. Por tanto, para estarmos alinhados com estes objetivos todo o arcabouço do Serviço Social (teoria e prática), e no caso deste artigo podemos destacar a Pesquisa em Serviço Social, precisam estar aparelhados com esta perspectiva crítica. Logo, pensar em pesquisa em Serviço Social pressupõe o entendimento da totalidade, que baseando nestes elementos expostos, ele se refere também a questões de gênero, sexualidade e de raça e etnia enquanto componentes da própria dinâmica do capitalismo brasileiro.

4. O PAPEL DA PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL NO COMBATE ÀS OPRESSÕES DE GÊNERO-RAÇA/ETNIA-CLASSE

Estamos de acordo com Guerra (2009) quando coloca que é através da compreensão da particularidade que se compreende as demandas, e se rompe com a visão imediatista, apreendendo-as como processos sócio-históricos, numa relação entre a subjetividade e as determinações sócio-históricas, neste sentido compreendemos que a pesquisa em Serviço Social objetiva estes conhecimentos, na quais estas perpassam as particularidades do capitalismo brasileiro, que conjugam questões, de classe, raça, étnicas, de gênero e de sexualidade.

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

Para Amaral (2011), às relações de gênero, classe, étnicas/raciais e de sexualidade estão presentes atuantes de forma contraditórias e complementares e são categorias que se apresentam imbricadas na realidade social e são fundantes desta, e estas também não se apresentam isoladas uma das outras. A autora destaca inclusive que o gênero, a classe e a raça e a sexualidade são contradições que são históricas e que não se colocam de forma hierarquizadas.

E os sujeitos são simultaneamente construídos socialmente com estas categorias, na qual dentro deste sistema econômico eles são vivenciados enquanto um sistema de opressão que gestam para lucrar sobre estes corpos. No mesmo caminho Cisne coloca:

O entendimento dessa sociedade exige compreender que as classes sociais não são meras abstrações, mas sim relações sociais que envolvem antagonismos inscritos em uma materialidade de corpos reais, que possuem sexo/sexualidade, raça/etnia. Não se trata de dividir, tampouco fragmentar a classe, uma ideia que lamentavelmente ainda circula em setores de esquerda, como se a luta feminista desvirtuasse o caminho da luta de classes. Trata-se, ao contrário, de entender as particularidades da classe para compreendê-la na sua totalidade, sem perder a sua unidade em particularismos identitários, que ao dar ênfase apenas às diferenças, fragmentam, isolam e perdem o que temos em comum e que nos unifica: a necessidade de um projeto coletivo classista e emancipatório (CISNE, 2018, p. 213)

As consequências destas opressões refletem sobre a vida da classe trabalhadora e recai mais fortemente sobre a vida da mulher negra. Carneiro (2003) em seu artigo nos informa que a mulher negra sofre duplamente, pois para ela, existe uma articulação entre o sexismo e o racismo, e ele incide de forma implacável sobre o significado do que é ser uma mulher negra no Brasil. Segundo a autora, a partir do racismo e da consequente hierarquia racial construída, ser negra significa assumir uma posição inferior, desqualificada e menor.

O que vale destacar, é que o desenvolvimento capitalista está intrinsicamente ligado a escravidão, o que seja está ligado as particularidades do sistema econômico. Segundo Silva (2012) é com a escravatura que o capital a partir do processo de acumulação primitiva se articula para criar as condições materiais para a base econômica necessária para o surgimento da sociedade burguesa brasileira.

Segundo Silva (2012), a acumulação primitiva é o ponto inicial do sistema de metabolismo social do capital, as relações de produção geradas neste período formaram a base para a reprodução do capital. Que para Silva (2012) gerou um sistema que se tornou um

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

negócio muito lucrativo para a população dominante, pois além de mão-de-obra, o (a) escravizado (a) representava riqueza e status, e que desde então seus descendentes brancos passaram a dominar os descendentes negros, amparados por um sistema que afirma a superioridade racial da população branca.

Na mesma direção, Cisne (2018) nos coloca que a luta contra as opressões ancoradas no marxismo coaduna com o projeto ético político do Serviço Social, sabendo que este indica em suas linhas a busca por uma liberdade substantiva, em um horizonte do humano genérico.

Se faz necessário pautar que pensar na luta contra as opressões, o Serviço Social e a pesquisa, é preciso se atentar para as armadilhas individualizantes do tempo presente, que analisam os problemas sociais, enquanto questões isoladas, consideradas a partir da imediatividade que não vão nos fundamentos destas, na qual Cisne (2018) afirma: “Não nos é suficiente pensar nas categorizações individuais do ser homem e do ser mulher ou mesmo nas liberdades de forma individualizada, ainda que isso também seja importante” (CISNE, 2018, p. 212). Na contra mão desta concepção assentimos que:

As diversas opressões e explorações que se expressam na vida dos indivíduos são determinadas estruturalmente pelas relações sociais de sexo — incluindo sexualidade —, raça e classe, que de forma imbricada e dialética configuram as múltiplas expressões da questão social, tanto na sua dimensão de desigualdade, como na de resistência política. Afinal, entendemos como relações sociais aquelas envoltas por conflitos, exploração e lutas entre grupos e classes antagônicas. De forma mais precisa, entendemos que as relações sociais de sexo, raça e classe são antagônicas e estruturantes porque determinam materialmente a exploração do trabalho, por meio da divisão de classe e da divisão sexual e racial do trabalho (CISNE, 2018, p. 212).

Abarcar questões como a sexualidade nos escritos e pesquisa em Serviço Social é imperativo para nos alinharmos com a pauta de transformação que o projeto ético político da categoria almeja, pois, assim como Júnior (2012) coloca, entendemos que “um indivíduo consciente do lugar do corpo e da sexualidade na constituição de si e nas relações sociais pode, com mais segurança, atingir a emancipação” (JÚNIOR, 2012) e é tarefa da categoria como do conjunto da sociedade contribuir com este desvelamento.

Sabendo que a primeira análise a sexualidade está apartada do capitalismo, sendo apenas um aspecto meramente individual, da sexualidade ainda que “originária de uma predisposição biológica, se reveste de sentido social e se faz central no processo de

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

constituição da sociedade” (JÚNIOR, 2012, p 18). Júnior (2012) em seu artigo pautado em Lukács nos apresenta bases para refletirmos a sexualidade na dinâmica do capital, bem como nos mostra como ela se correlaciona com os conceitos de ontologia, ser social e trabalho. O autor ilustra que:

Nunes (apud JUNIOR 2012) ao mesmo tempo em que o capitalismo dilacera as vidas e as relações sociais, afirma o discurso da sexualidade como uma tábua de salvação, cooptado para “a construção de uma metodologia infalível de consumo e alienação”. Nesse modelo econômico, o sexo é aproveitado de forma lucrativa. Ao se pregar a libertação sexual dos indivíduos, instiga-se o consumo sem limites, abrindo um mercado de exploração e controle eficiente, cuja matéria prima – o desejo – jamais se extingue. Por trás do discurso da liberação, há uma poderosa forma de exploração e de repressão. Estimulam-se as práticas sexuais e o consumo dos produtos a elas direcionados, mas nega-se à sexualidade o desenvolvimento emancipado e central na construção da subjetividade, enquanto dimensão ligada à corporeidade e fundamental no estabelecimento das relações com as pessoas (individualidade) e com o mundo (subjetividade). (JÚNIOR, 2012, p. 38).

Deste modo, a pesquisa em Serviço Social que parte da realidade não pode estar desvinculada das particularidades do capitalismo brasileiro que se relacionam com as contradições da sociedade capitalista, que estão embebidas com as relações sociais presentes na coletividade que dizem respeito a “classe, “raça” e relações sociais de sexo (incluindo a sexualidade)” (CISNE, 2018, p. 212). Ao passo que como cita Marx (apud Yolanda Guerra, 2008) o capital é agora coisa, mas como coisa capital. O dinheiro tem agora “amor corpo”, e pensando especificamente no Brasil, é com o corpo da classe trabalhadora, de modo mais intenso, da população negra, de mulheres e LGBTQIAP+ que ele se perpetua.

O sistema heteropatriarcal-racista-capitalista organiza modos de sentir e de viver deletérios ao desenvolvimento pleno da individualidade e ao atendimento das necessidades reais da classe trabalhadora. Analisar criticamente, na perspectiva de decifrar a realidade em sua complexidade, passa necessariamente pela interlocução com a agenda feminista, antirracista e da diversidade sexual (CISNE; SANTOS, 2018, p. 193).

Ainda que a categoria tenha dados e informações sobre quem são as pessoas mais afetadas pelas desigualdades sociais e usuárias nos serviços em que assistentes sociais atuam, debater sobre o racismo na categoria é algo que precisa ser muito fomentado, pois ainda há profissionais que não possuem interesse em pautar essas questões e discuti-las (FORNAZIER,

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

2019), assim como nos debates sobre o machismo/sexismo, o capacitismo, a xenofobia, por exemplo.

Por isso, afirmamos que se não tratarmos os atravessamentos dessas temáticas que afligem as frações da classe trabalhadora e não investigarmos a realidade social brasileira através de uma perspectiva de totalidade nas nossas pesquisas, não estaremos fazendo uma leitura que seja coerente com a concretude do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos do horizonte de que não existe neutralidade, como cita Gramsci “*Quem vive de verdade não pode não ser cidadão e não tomar partido. A indiferença é abulia, é parasitismo, é covardia, não é vida*” (Gramsci apud Alves, 2019). Assim sendo, fazer pesquisa é tomar partido, é escolher o quê, e o porquê que se pesquisa, ou seja, é uma decisão política.

Tendo isto em vista, estar alheio às questões dos combates às opressões nas pesquisas em Serviço Social é, antes de tudo, tomar um lado, lado avesso ao lado da diversidade da classe trabalhadora e por consequência contrário ao projeto ético político da categoria, que como mostramos de forma resumida nestas páginas, o Serviço Social se vinculou e tem orgulho de permanecer. Além disso, é também ignorante as particularidades do capitalismo brasileiro, que perpassam a classe, raça-etnia e gênero, tendo em vista que são elementos fundamentais para a reprodução desta sociedade.

Por isso, consideramos a importância de se discutir essa temática nesse momento de comemoração dos 30 anos do Programa de Pós-Graduação de Serviço Social da FCHS da UNESP – Campus de Franca, considerando que esse debate deve ser trazido ao centro para refletirmos e articularmos ações no âmbito da categoria que formamos politicamente, academicamente e humanamente no âmbito da pós-graduação, a partir de uma análise concreta da realidade. É um esforço político e coletivo que devemos fazer enquanto travamos nossas lutas pela emancipação.

A ascensão do projeto ético-político do Serviço Social demanda que a categoria de assistentes sociais se aproprie da teoria marxiana a partir de suas concepções teórico-metodológicas, pois ao ler a realidade social brasileira de forma dinâmica e não

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

fragmentada, contribui para uma apreensão crítica e reflexiva na atuação profissional e na pesquisa científica.

A partir desses propósitos, nesse artigo foi possível pontuar que este é um ponto nevrálgico que esta discussão e pesquisa tenha como aporte a análise marxiana ancorada no método materialista histórico dialético, como forma de irmos de encontro com projeto ético político profissional.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. T. Odeio os indiferentes, de Gramsci (tradução de Cláudia Alves). **Marca páginas**, 2019. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/marcapaginas/2019/01/28/odeio-os-indiferentes-de-gramsci-traducao-de-claudia-alves/>>. Acesso em 09 de set. 2021.

AMARAL, S. Gênero é desigualdade social - **V Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 2011.

BARROCO, MARIA. L. S. **Ética e serviço social: fundamentos ontológicos**. Editora Cortez, São Paulo, 2008.

BRASIL. **Código de ética do/a assistente social**. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. 10ª. ed. rev. e atual. Brasília, Conselho Federal de Serviço Social. 2012.

CARNEIRO, S. **Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Revista USP, 2003.

CISNE, M. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. / Mirla Cisne, Silvana Mara dos Santos - São Paulo, Cortez, 2018.

CISNE, M. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 132, p. 211-230, maio/ago. 2018.

CONCEIÇÃO, R. M. D. **A questão racial como expressão da questão social: um debate necessário**, Rio de Janeiro: Editora: Monique Dias Rangel Dutra, 2014.

GUERRA, Y. **Consolidar avanços, superar limites e enfrentar desafios: os fundamentos de uma formação profissional crítica. Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica**. 2ª edição, Campinas: Papel Social, 2018.

PESQUISA, RAÇA-ETNIA, GÊNERO E CLASSE: UMA ANÁLISE MARXISTA

GUERRA, Y. A dimensão investigativa no exercício profissional. **Direitos Sociais e Competências Profissionais**, Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**, São Paulo, Cortez, 2001.

JÚNIOR, A. B. A ontologia de Lukács e a sexualidade em perspectiva emancipatória. **Filosofia e Educação** (Online) – Revista Digital do Paideia Volume 3, Número 2, outubro de 2011 – março de 2012.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOREIRA, T. W. F. **Serviço Social e Luta Antirracista: contribuição das entidades da categoria no combate ao racismo**. 2019. 182 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

NETO, C. T. C; BARROS, J. M. A pesquisa como ferramenta de desvelamento da realidade: subsídios para a construção de conhecimento. **Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias**. Vol. 01-Nº 02/Jul-Dez 2014.

NETTO, J. P. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1992.

NETTO, J. P. Introdução ao Método da Teoria Social. **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília, CFESS, ABEPSS, 2009.

SANT'ANA, R. S. SIQUEIRA, J. F. da. O método na teoria social de Marx e o Serviço Social. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 13, n. 25, p. 181-203, jan./jun. 2013.

SANTOS, C. M. dos. A dimensão técnico-operativa e os instrumentos e técnicas no Serviço Social. **Revista Conexão Geraes**, nº 3, 2º semestre de 2013. Disponível em: <http://www.cress-mg.org.br/arquivos/Revista-3.pdf>>. Acesso 10 nov. 2020.

SILVA, U. B.- **Racismo e alienação: uma aproximação à base ontológica da temática racial**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

SILVEIRA, J. F. S. **Serviço social: resistência e emancipação?**, 2010, 209 p. Tese de Livre-Docência apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Franca. 2010.

TEIXEIRA, J. B.; BRAZ, M. O projeto ético-político do serviço social. **Serviço social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS: ABEPSS, 2009. p. 185-200. Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/522>. Acesso em: 24 nov. 2020.

TONET, I. **Método científico: uma abordagem ontológica** – São Paulo: Instituto Lukács, 2013.